



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **AS REPRESENTAÇÕES DO USO DE DROGAS ENTRE DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA E DAS MULHERES NAS PROPAGANDAS DE CERVEJA**

Antônio Xavier da Silva\*  
(UESB)

Andressa Mendes da Silva Dias\*\*  
(UESB)

Luci Mara Bertoni \*\*  
(UESB)

### **RESUMO**

O artigo visa apresentar uma análise dos resultados de pesquisas realizadas na iniciação científica<sup>102</sup> sobre a relação existente entre representações do uso de drogas entre as alunas do Curso de Pedagogia e das mulheres nas propagandas de cerveja. Com a intenção de contextualizar esta pesquisa, utilizamos de estudos bibliográficos referentes à história da educação da mulher e posteriormente, da profissão docente exercida por esta; sobre o conceito de drogas e suas reações. Na prática da pesquisa, foram aplicados questionários com discentes graduandas em Pedagogia e realizada análise de comerciais televisivos de cerveja a partir da teoria das Representações Sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Drogas. Mulher. Propaganda. Profissão Docente.

---

\* Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e Drogas – GEPAD.

\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e Drogas – GEPAD.

\*\* Professora Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e Drogas - GEPAD.

<sup>102</sup> Financiadas com bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ/ PIBIC e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.



## INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído a partir de estudos e pesquisas realizadas, tanto na iniciação científica, quanto no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e Drogas – GEPAD do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, que também resultou em um trabalho mais amplo de monografia. Trata-se de estabelecer relações entre as representações do uso de drogas entre as alunas em formação inicial no Curso de Pedagogia e das mulheres nas propagandas televisivas de cerveja. Para tanto, recorreremos às premissas da Teoria das Representações Sociais (TRS), cunhadas por Serge Moscovici (2005).

As RS são mais frequentemente propagadas em meio a comunicação informal entre sujeitos que manifestam suas opiniões sobre temas vivenciados em seu cotidiano (MOSCOVICI, 1979 apud SÁ 2004, p.26). No entanto, não se tratam de opiniões vagas e sem sentido, mas

fazem uma articulação ou combinação de diferentes questões ou objetos, segundo uma lógica própria, em uma estrutura globalizante de implicações, para a qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes e experiências pessoais e grupais. (SÁ, 2004, p. 26).

Leme (2004, p. 48) ao parafrasear Moscovici, relata que as RS partem de uma proposta teórica do princípio de “transformação do não familiar em familiar”. Esta função tem como pressuposto a apreensão do novo a partir de modelos de anteriores.

As Representações Sociais não são criadas de forma isolada por um único indivíduo e para que estas possam ser entendidas e explicadas é preciso iniciar a partir de suas origens, identificando na história o instante que essa representação “torna familiar algo não-familiar” (MOSCOVICI, 2005 p. 54).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Desta forma, seria uma incoerência falar das relações entre representações da profissão docente diante do uso de drogas e das mulheres nas propagandas de cerveja, sem fazer referência à história dos papéis desempenhados por estas, principalmente quanto ao campo do magistério, pois atualmente elas o ocupam com prevalência.

Historicamente, percebe-se que as mulheres vão adentrando no Magistério, especialmente, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sobre esse percurso histórico das mulheres na educação, afirma Louro (2006, p. 454), que no século XIX, “as escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas depois muitas; por fim os cursos normais tornaram-se escolas de mulheres”. Hoje, esta formação é dada nos Cursos Normais em nível Médio ou Superior no Curso de Pedagogia.

Por ser uma profissão, prevalentemente, feminina, são atribuídas a essas mulheres a representação de mãe, que por sua vez cuida, zela e ama seus filhos de modo incondicional, sendo capazes de se absterem de diferentes situações para o bem dos mesmos. Tem-se a impressão que o curso tem uma vocação materna para se relacionar e cuidar de crianças, e isso tem colaborado para a mistificação de que as alunas do Curso de Pedagogia não fazem uso de drogas. Segundo Lapate (2001), droga se caracteriza como sendo qualquer substância, sintética ou natural, que introduzida no organismo humano, altera as funções do sistema nervoso central. Como o Curso de Pedagogia é constituído em sua maioria pelo sexo feminino, começaremos considerando as questões da educação da mulher e a mulher na educação.

A educação das mulheres nem sempre foi vista de forma positiva em meio a uma sociedade machista que via a mulher como um ser inferior ao homem, e considerava que esta não tinha os mesmos direitos que eles. No Brasil Império, a mulher ainda assumia as responsabilidades de mãe, esposa e dona de casa,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ocupando um espaço secundário na sociedade. Apenas os homens estavam engajados aos centros políticos de decisões. (TELES, 1999).

Em meados do século XIX, as mulheres adquiriram, mesmo que restritamente, direito à educação, inclusive, vagas no magistério primário. Este fato ocorreu sendo justificado pelo instinto maternal destinado ao sexo feminino. Paralelamente a esta conquista, se reafirma uma “discriminação sexual” por meio dos conteúdos curriculares, pois as professoras não podiam ministrar aulas como as de geometria, porque essas eram destinadas ao público masculino (BRUSCHINI; AMADO, 1988. p. 4;5).

Neste mesmo período, com a criação das escolas normais, a presença das mulheres nos cursos de magistério passou a ser predominante, pois a visão de que a função de mãe deveria ser uma extensão à escola e ao lidar com as crianças foi se ampliando. Além do que a igreja católica, forte detentora das escolas privadas do país, reforçava a educação voltada para a conservação da moralidade. Assim o salário foi diminuído e, conseqüentemente, os homens aos poucos se afastaram, chegando ao ponto de lhes serem desonroso e até humilhante. (BRUSCHINI; AMADO, 1988).

No começo, as escolas normais geralmente ofereciam apenas dois a três anos de curso, muitas vezes de nível inferior ao secundário. Para poder ingressar bastava saber ler e escrever, ser brasileiro, ter mais de 18 anos e bons costumes. Louro (2006) ainda afirma que, pelo fato de o ato de ensinar se tratar de uma vocação,

a boa professora estaria muito pouco preocupada com seu salário, já que toda a sua energia seria colocada na formação de seus alunos e alunas. Estes constituíam sua família; a escola seria seu lar e, como se sabe, as tarefas do lar são feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma essa mulher deixa de viver sua própria vida e vive através de seus alunos e alunas; ela *esquece de si*. A antiga professora solteirona podia também ser representada



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como uma figura severa, de pouco sorrisos, cuja afetividade estava de algum modo escondida. (LOURO, 2006, p. 466).

Conforme afirmam Thomazini & Orso (2010, p. 131), “quando se quis nivelar os salários dos homens, que ainda trabalhavam no magistério, com os das mulheres, eles se afastaram, e foram atraídos por outras profissões. Pois, devido à urbanização e à industrialização, os homens tiveram maiores oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, houve um afastamento desses das salas de aula. Esse fato legitima assim, o que vai afirmar Louro (2006, p.450), sobre a entrada das mulheres nas escolas, com anseio de ampliar seu universo, além do lar e da igreja. Foi então que características como “tipicamente femininas”, paciência, afetividade e doação passavam a ser associadas ao magistério. Essa maneira de perceber a mulher, reforçava a tradição religiosa da atividade docente, reafirmando a ideia de que a docência deve ser percebida e exercida mais como um “sacerdócio” do que como profissão. Isso contribuiu para uma construção da imagem do professor, ou melhor, dizendo, das professoras, como dóceis trabalhadoras, pouco reivindicadoras e dedicadas, ao ponto de serem chamadas de “tias”.

A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia na mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isso não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a *professora* em *tia* de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em *professora* de seus sobrinhos só por ser *tia* deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. (FREIRE, 1994, p. 10).

Segundo Freire (1994, p. 12), reconhecer a professora como tia, é quase como dizer que as boas tias, não devem brigar, nem se rebelar, muito menos ainda



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fazer greves. Pois, “quem já viu dez mil ‘tias’ fazendo greve, sacrificando seus *sobrinhos*, prejudicando-os no seu aprendizado?”.

Conforme afirma Louro (2006), dizia-se que o magistério era apropriado às mulheres pelo fato de ser um trabalho de “um só turno”, o que lhes possibilitava fazerem suas obrigações de casa no período oposto<sup>103</sup>. De certa forma, isso contribuiu muito para que as mulheres se tornassem maioria no magistério, essa participação majoritária, reflete no Curso de Pedagogia, que também é formado basicamente por mulheres. Por ser uma graduação que forma pessoas para trabalhar também com crianças, e por se entender que a mulher tem uma vocação materna, logo ela teria mais facilidade e habilidade para lidar com os discentes.

Por conta da atribuição ao curso com um sentido de maternidade, conforme mostra a história, cria-se uma representação de que as alunas do Curso de Pedagogia não fazem uso de drogas. Essa crença se deve a visão que se tem de uma mãe, sendo vista como um ser que não poderia dar “mal” exemplo para seus filhos, tornando-se um modelo a ser seguido. As discentes de Pedagogia trazem uma representação de “pureza”, tendo assim, uma concepção de que o uso de drogas é algo ruim e que não a usam. Entretanto, essa representação pode ser proveniente da falta de esclarecimento e de conhecimento do que são drogas.

Conforme afirma Lapate (2001, p. 27) “o termo ‘droga’ tem origem na palavra ‘*drog*’ – do Holandês antigo – significando ‘folha seca’; isso porque antigamente todos os medicamentos eram feitos à base de vegetais”. Droga é toda e qualquer substância, seja natural ou sintética, que quando introduzida no organismo do ser humano, altera as funções do sistema nervoso central. Para Lorencini Jr. (1998) as naturais obtidas por meio de determinadas plantas e de alguns minerais, como por exemplo, o álcool presente na uva, na cana de açúcar e a cocaína que é extraída da coca. As sintéticas são feitas em laboratórios, exigindo

---

<sup>103</sup> Embora essa seja uma dimensão mais ampla, gostaria de registrar que, hoje, a mulher professora, por vezes, trabalha os três turnos e ainda continua com as obrigações do turno trabalhando em casa com afazeres domésticos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

para isso técnicas especiais. Como é o caso do *Ecstasy*. As drogas apresentam efeitos diversos e diferentes classificações, ou seja, três categorias: depresso-res, estimulantes ou perturbadores (alucinógenas).

É importante esclarecermos, que a partir do momento em que se passa a fazer uso de alguma droga, está sujeito a se tornar um usuário ou um dependente químico, uma vez que todo ser humano corre esse risco. No que tange aos usuários, é relevante explicamos que existe quatro tipos: o experimentador, o usuário ocasional, o usuário habitual e o usuário dependente. O Experimentador usa a droga apenas por curiosidade. O ocasional, uma vez por outra faz uso de uma ou mais drogas. Já a pessoa considerada como usuária habitual, tem o costume de fazer uso de drogas de modo frequente. A diferença do usuário habitual para o dependente consiste no viver somente em função da droga (LAPATE, 2001).

Entendemos que quando o sujeito começa a fazer uso de substâncias psicoativas, está correndo um grande risco de se torna um dependente químico, para tanto, se faz necessário pensarmos a prevenção às drogas nos três níveis. Primário – antes que os problemas apareçam, secundário – quando já existe o problema e terciário – quando a pessoa já apresenta alguns traços de possível dependência ou a própria dependência (TOZZI E BOUER,1998).

Poderíamos pensar que existe uma diferença entre as representações do uso drogas entre alunas do curso de pedagogia, pelo fato de serem vistas como pessoas que portam consigo o dom do amor e da caridade; e as mulheres que são exibidas nas propagandas televisivas de cerveja. No entanto, esse pensamento não procede, pois de acordo com as análises realizadas em comerciais de uma determinada emissora de televisão brasileira, as mulheres são apresentadas com o intuito de atrair consumidores como estratégia para alcançar um maior índice de vendas, ao vincular momentos de lazer, bem estar, beleza e sensualidade, ao fazerem isso, oferecem espaço estímulo para que os homens consumam a bebida, mas que não as pertencem.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Na propaganda descrita abaixo, pode-se perceber a reafirmação de que as mulheres podem, até, consumir a cerveja, no entanto, os homens tem prioridade e o fazem sempre que desejam. As mulheres precisam de um motivo, neste caso influenciado por eles:

A propaganda inicia com uma cena em um estádio de futebol e a seguinte frase: “futebol é paixão de [adjetivo referente ao consumidor da marca da cerveja da propaganda]”. Quatro rapazes na arquibancada têm pintado em cada um de seus corpos uma letra, que reunidas formam a palavra “A.M.A.R”. Enquanto estes estão assistindo o jogo no estádio, suas namoradas acompanham o jogo pela TV e percebem a palavra “A.M.A.R” como sendo uma homenagem para elas e chegam a dizer: “que lindo!”, “é uma homenagem pra gente”, “ai que fofo!”. De repente, chegam mais dois rapazes com as letras B e H também desenhadas nos corpos e se desculparam por terem se atrasado, se organizam e formam a palavra que representa a marca da cerveja. As garotas ficam decepcionadas e aparece na tela a frase: “paixão como o sabor da [fala a marca da cerveja]”. Uma delas diz animada: “quer saber? Vamos acabar com a [fala a marca da cerveja] deles”. Aparece a imagem de uma latinha sendo aberta e todas as mulheres se dirigem à geladeira e pegam as cervejas. Ao final mostram-se latinhas de cerveja em cima de cubos de gelo e as frases: “[fala a marca da cerveja] o sabor de ser [adjetivo referente ao consumidor da marca da cerveja da propaganda]” e “beba com moderação”.

Na propaganda, quando as esposas perceberem que a palavra “A.M.A.R” pintada nos abdomens dos rapazes não corresponde as suas expectativas de serem homenageadas, ficam indignadas e exclamam “vamos tomar a cerveja deles”, quer dizer, a cerveja que está na geladeira não pertence a elas e isto, mais uma vez reflete a um período da história em que as mulheres eram eminentemente proibidas de beber, e se ao menos, fossem encontradas próximas à adega sofreriam drásticas consequências (ESCOHOTADO, 2003). E agora elas aparecem fazendo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

algo “proibido” para elas, e o fazem no impulso da raiva por seus companheiros “amarem” a cerveja e a ela fazerem uma homenagem.

De acordo com os resultados da pesquisa observou-se que tanto no caso das representações do uso de drogas entre alunos no Curso de Pedagogia, quanto nas propagandas de cerveja, é possível identificar uma não aceitação de que as mulheres possam fazer uso de drogas, neste caso, especificamente, do álcool. No entanto, as análises dos resultados mostram que, apesar destas representações existe o consumo de drogas entre elas.

Portanto, a mistificação de que as alunas do Curso de Pedagogia não usam drogas por conta de ser uma graduação que forma pessoas para trabalharem com crianças e por ser formado em sua maioria por mulheres que, por sua vez, trazem consigo a ideia de cuidados maternos, não é algo que se confirma na prática, uma vez que se verificou a existência do uso de substâncias psicoativas (drogas) entre as alunas do Curso. E desses entorpecentes, as bebidas alcoólicas são as mais utilizadas pelas discentes. Além do mais, estas alunas começaram a usar este tipo droga desde muito cedo, 56% delas afirmou que experimentou álcool com idade entre 7 a 17 anos. Também se verificou que 44% das alunas declarou que o seu primeiro “gole” de bebidas com teor alcoólico foi oferecido pelas amigas e 21% confirmou como sendo por influência dos próprios familiares. É importante ressaltarmos aqui que, 86% das futuras docentes declarou ter feito uso de alguma substância psicoativa.

O fato das alunas do Curso de Pedagogia fazerem uso de drogas, de modo especial uso do álcool, não tira o mérito de sua formação, pois o álcool é um psicoativo que está presente na sociedade e como afirma alguns Lapate (2001) não houve cultura humana que não tenha feito experimento de bebidas com teor alcoólico.

No caso das representações das mulheres nas propagandas de cerveja, o imaginário de que estas não tem permissão para consumir, também se deve a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

momentos da histórica em que havia uma sobreposição dos anseios dos homens sobre os das mulheres (TELES, 1999).

Estes resultados desmistificam, assim, as representações de que as alunas do Curso de Pedagogia não fazem uso de drogas e que as mulheres das propagandas de cerveja são mais propícias a tal. Percebe-se que essas representações atribuídas às mulheres, não nasceram de repente e sem motivos justificáveis, trata-se de uma construção histórica que se reproduz durante séculos, mas que pode ser modificada. Para tanto, é necessário um reconhecimento do verdadeiro papel da mulher na sociedade, não pautado em pressupostos patriarcais.

Aqui fica claro a relevância da discussão sobre o uso/abuso de drogas e como/onde está presente nas relações sociais e de gênero. Essa função de compreender as drogas e como se processa sua prevenção, seja ela lícita ou ilícita, deve acontecer em toda a sociedade com maior ênfase na escola, uma vez que esta é um espaço “privilegiado para a socialização do saber”, onde o aluno passa a maior parte do tempo. Assim, o educador tem uma maior responsabilidade nesse trabalho de prevenção aos entorpecentes. É importante que nos cursos de formação de professores estejam presentes discussões sobre a prevenção de forma contínua, uma vez que às drogas sempre estiveram presentes na cultura humana e provavelmente permanecerá.

## REFERÊNCIAS

- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n 64, p. 4-13, 1988.
- ESCOHOTADO, Antonio. **Historia elemental de las drogas**. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

LAPATE, Vagner. **Hora zero:** a independência das drogas: antes que os problemas cheguem. São Paulo. Scortecci, 2001.

LEME, Maria Alice Vanzoline da Silva. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SP: brasiliense, 2004.

LORENCINI JR., Álvaro. Enfoque contextual das drogas: aspectos biológicos, culturais e educacionais. In: AQUINO, Julio Grupo (org.). **Drogas nas escolas:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Somos 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.); **Historia das mulheres no Brasil.** 8 ed. São Paulo – SP. Contexto, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. SP: brasiliense, 2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: brasiliense, 1999.

TOZZI, Devanil; BOUER, Jairo. Prevenção também se ensina. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Drogas nas escolas:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.